



MÁRIO FAUSTINO E BENEDITO NUNES: EXISTENCIALISMO E DESENCANTO COM A HISTÓRIA.

CANGUSSU, Dawson Soares (IFMA)¹

RESUMO: O artigo discute a presença do existencialismo na produção literária paraense, entre os anos de 1946 e 1951, ressaltando as diferenças filosóficas e poéticas entre dois nomes desta geração, Benedito Nunes e Mário Faustino, os quais tiveram influências diferentes no que tange à filosofia da existência, visto que, enquanto Benedito Nunes cultivou um existencialismo sartreano, Mário Faustino ligou-se ao poeta introspectivo Rilke.

PALAVRAS-CHAVE: História; literatura; existencialismo

ABSTRACT: The article discusses the presence of existentialism in Pará literary production, between 1946 and 1951, highlighting the poetic and philosophical differences between two names of this generation, Benedito Nunes and Mario Faustino, who had different influences when it comes to the philosophy of existence because, while Benedito Nunes cultivated a Sartrean existentialism, Mario Faustino was attached to the introspective poet Rilke.

KEYWORDS: History, Literature, Existencialism

E. P. Thompson, em *Desencanto ou apostasia?*, busca compreender a trajetória literária e de comportamento dos poetas William Wordsworth e Samuel Coleridge. Ele examina as mudanças políticas e ideológicas dos poetas nos anos que sucederam à Revolução Francesa. Erudito e irônico, Thompson revela defeitos e inconsistências de muitos estudos sobre aqueles escritores, valendo-se de inesgotável informação histórica em cartas, diários e artigos de jornal. Assim, consegue interpretar, como num entrelaçamento de biografia, história social e conduta psicológica, a crise que acometeu os poetas, hesitantes, decepcionados ou reacionários no que diz respeito aos resultados de 1789. Coleridge era considerado por amigos e inimigos 'um dos mais perigosos jacobinos do oeste da Inglaterra'. Com sagacidade, é possível também perceber 'o impulso da *égalité* jacobina' nos poemas mais serenos de Wordsworth,

que assim rompe com a estrutura paternalista. A tese de Thompson é que os grandes escritores românticos experimentaram um momento de tensão e criatividade quando suas convicções ideológicas e políticas lhes pareceram decepcionantes ou autopunitivas: nem todos os rumos da Revolução eram defensáveis; nem toda a nova cultura, desejável; por fim, a causa do povo poderia colocar em risco homens como Coleridge e Wordsworth (THOMPSON, 2002).

O historiador britânico encontra em Coleridge um poeta que abandonou rapidamente suas convicções mais inflamadas, em parte porque se preocupava crescentemente com seus problemas financeiros e de saúde. A mudança de opinião começou muito cedo por Coleridge, até então ele sempre havia negado essa ideia de princípios evasivos e de modificar seus pontos de vista para agradar uma plateia. Certa vez escreveu para o pai de Charles Lloyd² em 1796 dizendo que havia quebrado sua corneta revolucionária de brinquedo e “os pedaços jazem espalhados no quarto de despejos da Penitencia”, e que desejava ser um bom homem, um cristão, não um *Whig*, nem reformista, nem republicano. Era uma frase já carregada, segundo Thompson, de um “desconfortável ar de apostasia”. Cinco anos depois quando escreveu uma carta ao Sir George³ e Lady Beaumont o poeta estava sob o impacto emocional por causa da execução do irlandês Daniel Decatur Emmett⁴ e também sob a languidez e impotência criativa proporcionada por doenças e pela dependência do láudano – medicamento cuja base é o ópio, ligado a outros ingredientes.

Em Wordsworth as questões são mais complicadas para se explicar por motivos diferentes. Thompson encontrou um pouco mais de dificuldade na pesquisa, pois este, diferentemente de Coleridge, não teve inclinação para expor em cartas os seus sentimentos sediciosos, pois as correspondências, no contexto, poderiam ser violadas. Mas nas cartas trocadas entre seus irmãos George Cumberland, Richard e Dorothy Wordsworth é mostrado, segundo Thompson, que Wordsworth não havia perdido seus interesses políticos. O momento de tensão fazia a sua poesia afirmar ou recuar no jacobinismo. Essa tensão o fez, por fim, ceder e, “ao final das guerras, o desencanto dera lugar à apostasia” (THOMPSON, op. cit., p. 61). Em relação a Wordsworth, pode-se documentar sua antipatia aos movimentos populares, o que o torna o modelo do apóstata. É nesse instante que se evidencia a esterilidade do poeta, mutilado e hostil à esperança que anunciavam seus versos.

Tanto Coleridge quanto Wordsworth faziam parte daquele contexto histórico, que foram os primeiros meses de 1798. Era um momento em que o engajamento político era muito arriscado e os poetas acabaram cedendo ao terror. No verão de 1799 Coleridge escreve para Wordsworth dizendo que “em consequência do completo fracasso da Revolução Francesa, haviam abandonado todas as esperanças de um

aperfeiçoamento da humanidade”. Wordsworth, no dia 11 de março, em carta ao amigo Losh afirmava ter chegado a decisão de ir para a Alemanha junto com Coleridge, Sra. Coleridge, a irmã e ele próprio. Saíram por que o conflito político era insuportável, e por causa do sentimento de alienação por parte do povo, sentimento que não queriam assimilar. Nessa discussão Thompson procurou explicitamente, criticar poetas contemporâneos tais como W.H. Auden, “que se desencantam com facilidade demais, apressados em transpor a etapa da apostasia” (Ibid. p. 100).

Através dessa discussão acerca de mudança de comportamento e de opinião de intelectuais elaborada de forma muito pertinente por Thompson, pode-se buscar, como um caminho de pesquisa histórica, compreender a mudança ocorrida no pensamento de um grupo de jovens interessados nos estudos literários, *A Turma do Central*. Ficaria extenso demais analisar todos os jovens desse círculo de amizade, e nesse sentido é pertinente escolher dois para servirem como representantes do estudo. Sendo assim, por meio de análises de viabilidade e representação histórica, fica posto que a análise se pautou em dois personagens importantes na formação da literatura paraense: Benedito Nunes e Mário Faustino. Ambos fizeram parte de uma fase relevante da literatura paraense, momento em que o modernismo de 22 adentrou o recinto parnasiano cultivado em plena década de 1940 por um grupo de jovens paraenses que faziam pouco dos ícones do modernismo brasileiro.

Impossível cometer um absurdo anacronismo e dizer que a Revolução Francesa, assim como interferiu na vida de Coleridge e Wordsworth, também tenha sido responsável pela mudança na poesia dos jovens da *Turma do Central*, e nem é necessário buscar uma ligação entre os fatos. Os tempos eram outros e a história não se repete; o contexto histórico vivido por esses novos possui suas particularidades e foram elas as responsáveis pela transformação na poética e na vida de nomes como Haroldo Maranhão, Max Martins, Alonso Rocha, Benedito Nunes e Mário Faustino. Fatos históricos marcantes como a Revolução de 30 e a II Guerra Mundial contribuíram para que a literatura deixasse os exageros de vanguarda, o nacionalismo e o regionalismo, e passasse a buscar os segredos da existência humana.

Com uma poesia fortemente influenciada por Rilke apareceu Mário Faustino (1930-62). Cabe recordar um pouco a sua carreira excepcionalmente breve e brilhante. Nascido em Teresina em 1930, cursou seus estudos em Belém, chegando a ser editorialista no *Jornal do Brasil* com apenas 26 anos de idade, depois de ter trabalhado n’ *A Província do Pará* e na *Folha do Norte*. Trabalhou como jornalista em Nova York de 1960 a 1962 e ao voltar ao Brasil, assumiu a editoria-chefe da *Tribuna da Imprensa*. Seria por pouquíssimo tempo, pois morreria em um desastre aéreo em novembro, a caminho de Nova York, onde seria correspondente do *Jornal do Brasil*

(CHAVES, 2004).

Partiu dessa intensa atividade com as letras o convite para que assumisse um dos postos jornalísticos mais importantes da poesia brasileira nos anos 50. Durante dois anos, editou a página *Poesia-resistência*, no Jornal do Brasil, cujo lema era *Repetir para aprender, criar para renovar*. A página do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* divulgava novos poetas brasileiros ao lado de ícones do passado, transcrevia os originais de seus poemas e continha críticas que apontavam defeitos na obra até de nomes consagrados. Nas páginas do diário, muitas tendências literárias receberiam atenção de Faustino. Um exemplo é o movimento concretista, divulgado em primeira mão pelo poeta. O escritor também assumiu, no início dos anos 60, o cargo de tradutor da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque. Morreu em 1962, num acidente de avião⁵.

Ainda em sua formação como poeta Faustino tivera seu nome citado e elogiado por Francisco P. Mendes, que no momento afirmara: “esse jovem poeta aparece, de modo quase inacreditável, pela perfeição e realização dos seus poemas, com certas qualidades que somente possuem os poetas já de todo completos” (MENDES, 1948, p. 1). Faustino tornou-se um dos maiores representantes da poesia contemporânea em Belém, expressando como poucos os temas da poesia de inspiração existencialista. A poesia de Faustino era bem elaborada, pois era dedicado ao estudo da arte literária. Em sua obra podem-se observar temas tais como o da morte, do amor, da eternidade e da fugacidade, além das figuras da rosa e do anjo. Vejam-se os poemas *1º motivo da Rosa* e *2º motivo da Rosa* (FAUSTINO, 1948, p. 2):

Da rosa somente a pétala inconsútil
Inamissível lembrança
Onde o perfume e a cor incompassiva?
A beleza é apenas a passagem divina
Impiedosa e fugaz.
(1º motivo da rosa)

A rosa adormecida sonha, sonha e sonha.
Por que surgiu a rósea rosa sonhando?
Veio para que o poema com suas pétalas sensíveis
Intocável e úmido orvalho.
Veio para que ficasse a sonolenta imagem
De qualquer coisa livre livre livre
Voluntariamente presa a um caule

Apenas para uma noite de sono.
(2º motivo da rosa)

Seus versos têm musicalidade, forma elíptica e lapidar, e dispensa a comparação e a descrição. No primeiro há a transitoriedade da vida e da beleza; no segundo a rosa lembra a beleza guardada na memória, origem do poema e que dele renasce. Benedito Nunes entende que a rosa era o símbolo do invisível, semelhante ao mensageiro das coisas transcendentais, o anjo (NUNES, 1986).

Essa linguagem subjetiva, encontrada na poesia de Faustino, é característica marcante, como já vimos antes, na poesia existencialista de Rilke, que possuía um atormentado pelos enigmas do mundo invisível, pelas manifestações do sobrenatural; uma arte mórbida, inclinada a decifrar os segredos do destino, as charadas da vida e da morte. Por intermédio da sua poesia, com devaneios, imagens sonolentas e sensíveis e a beleza, Faustino exteriorizou, com seu estilo introspectivo, a expressão das novas tendências da literatura modernista. Sua poesia foi primeiramente influenciada por Baudelaire, Rimbaud, Rilke, Lorca, Cecília Meireles e Fernando Pessoa. Depois vieram as influências inglesas contemporâneas, dentre as quais se destacam T.S. Eliot, Cummings, Hart Crane, Dylan Thomas e Ezra Pound; logo depois sofreu o impacto do francês Saint-John Perse. E com a obra desses intelectuais, Faustino apreendeu o rigor formal da poesia, além do simbolismo e existencialismo que o acompanharia em sua vida poética (CAMPOS; JORGE, s/d, p. 86).

O que de fato singularizou a poesia de Faustino, segundo Benedito Nunes, foram os recursos da comunicação jornalística, que proporcionaram uma função didática em sua obra. Com isso tirou proveito na paginação e no uso da linguagem para a difusão e avaliação da criação poética. Utilizou tais técnicas na página de jornal *Poesia-experiência*. Faustino mesclava numa só página artigos de poesia contemporânea, textos de história da crítica, clássicos portugueses, poetas modernos nacionais e estrangeiros, além de poemas de autores estreates ou pouco conhecidos (NUNES, op. cit., p. 31.).

Uma coisa que chamava a atenção na atitude poética de Faustino era o caráter educativo, pois via a poesia como um instrumento de transmissão de ensinamentos, ou seja, uma teoria e uma prática poéticas. O seu lema era *Repetir para aprender, criar para renovar*. Nunes entende que para Faustino a história da poesia "é o produto de uma contínua aprendizagem tanto de padrões formais quanto de formas de experiência" (Ibid, p. 30.), o que implica que os momentos de renovação da poesia são aqueles que conseguem unir as novas exigências da criação com os legados do passado. Mais do que uma poética, há uma poesia da experiência, ou seja, uma concepção ampla dos aspectos religioso, metafísico, histórico, social e ético da

poesia. Para Nunes, “mais do que uma poética, trata-se de uma filosofia da poesia – da poesia como forma de perceber o mundo e de situarmo-nos nele” (Ibid, p. 31). Há na verdade uma função ética, social e política da poesia, mas esta propriedade da poesia age em função do emprego da linguagem logo, quanto mais eficaz for a linguagem, mais servirá para o desenvolvimento da língua e, por conseguinte, da consciência de um povo e do desenvolvimento de uma nação. Mas Faustino alerta *apud* Nunes: “o mau poeta é um criminoso da laia de um mau professor. A poesia prega: o mau poeta é igual ao falso profeta. A poesia deleita e comove: o mau poeta aborrece, faz o leitor ou ouvinte bocejar, perder tempo ou tomar gato por lebre, o que é pior” (Ibidem). Mário Faustino via a poesia como uma escola no sentido mais forte do termo, um meio de transmissão de conhecimentos, onde a história da poesia seria o resultado de uma aprendizagem contínua tanto de padrões formais quanto de formas do cotidiano. Isso por que, segundo Benedito Nunes, o poético, para Faustino, era concebido como um estado da linguagem e, pois, uma forma de percepção da realidade que estabelece uma relação de afinidade ou de participação entre o indivíduo e o mundo (NUNES, 2002).

O conhecimento e a renovação da poesia foi o que Faustino exigiu dos poetas brasileiros, sobretudo dos consagrados tais como Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Manuel Bandeira; exigiu que eles saíssem para o campo das querelas culturais e convergissem sua atividade criadora no sentido de estudar e defender a renovação da poesia. Por isso defendeu o valor do concretismo, apesar de não introduzir em seus poemas algo que levasse a pensar que ele havia se tornado um concretista, corrente a qual os seus poetas buscavam a substituição do verso por uma poesia visual. Faustino manteve a presença do verso em seus poemas e, além disso, continuou com a ideia de que a poesia deve espelhar a época e satisfazer as necessidades ancestrais, intemporais e metafísicas do ser humano (BOAVENTURA, 2002).

Mário Faustino não foi um homem livresco, apesar de sido um leitor ativo em muitos idiomas estrangeiros que dominava. E durante os anos de 1940, quando ainda estava em sua fase de formação – nas rodas de papo literário no terraço do *Café Central* que ordinariamente fazia com os amigos somente pelo prazer da discussão, do debate argumentativo que opunha razão à razão, verdade à verdade – acreditava que uma verdade viesse acompanhada de risos, e por isso a disposição lúdica dos poemas, sem prejuízo da consistência intelectual dos argumentos. Para ele o senso de humor era o tempero do bom senso. Ele era um galhofeiro, irreverente, um demolidor, que praticou até mesmo contra si, contra sua própria vaidade, que seria a forma superior do riso (EULÁLIO, 2000).

Segundo Nunes, “tudo foi muito rápido, tudo foi conseguido demasiadamente cedo e tarde nessa existência tão breve” (NUNES, 1986, p. 42). A carreira jornalística e poética em Belém e no Rio de Janeiro; as viagens para os Estados Unidos; a mudança de domicílio, deixando o Pará e indo para o Rio de Janeiro assumir o cargo de professor nos cursos da Escola de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas; os retornos a Belém, onde, segundo o próprio Faustino *apud* Nunes, “travei a batalha da adolescência e da juventude; onde amei e trabalhei; onde comecei a escrever poesia (...) onde vivi a experiência que até agora é a mais importante de minha vida” (Ibid, p. 43).

Certamente a Belém da década de 1940 foi o ambiente urbano, cultural, social e literário que Mário Faustino viveu a sua fase de formação de sua poesia. A cidade vivia, no início dessa década, uma crise em todos os setores da sociedade devido tanto à guerra quanto ao regime ditatorial que dominava a política local e nacional. A única coisa que a guerra trouxe de bom para Belém foi Clarice Lispector, que veio acompanhando o seu marido que estava a serviço do Itamaraty, ambos ficando hospedados no Hotel Central, o que resultou em encontros entre a escritora e o mestre Francisco Paulo Mendes e seus jovens “aprendizes” (Ibidem).

Na primeira metade dos anos 40 Mário Faustino participou da *Academia dos Novos* junto Benedito Nunes, Haroldo Maranhão, Max Martins, Alonso Rocha e outros jovens. Tal grupo fora uma contradição nos discursos dos poetas modernistas, que acreditavam que o movimento já havia se instalado em todas as regiões e que todos os jovens ao tomarem conhecimento de literatura já se pendiam para a liberdade de expressão modernista. Os jovens viviam, como foi visto nas memórias de Alonso Rocha, sob tensão e medo por causa da dura fiscalização do regime sobre as artes e expressões artísticas. Pode-se indagar se esses jovens só resolveram fazer uma literatura parnasiana para fugirem da coação imprimida pela repressão do regime. Mas essa resposta não será dada nesse estudo. O fato é que os jovens parnasianos buscaram, em plena década de 40 – quando o modernismo já havia se tornado matéria nos compêndios escolares – nos moldes da *Academia Brasileira de Letras*, o seu rumo e ritmo literário eivado das formalidades parnasianas. As reuniões eram levadas a sério, aliás, todos os detalhes eram levados a sério, tudo de acordo com os padrões da Academia Brasileira de Letras. O ar parnasiano do ambiente era conseguido com o rigor na eloquência, na retórica e nas frases de efeito, características buscadas com afinco pelos confrades. Outro detalhe eram os patronos, e os fundadores escolheram logo o seu. Haroldo Maranhão ficou com Humberto de Campos; Alonso Rocha com Castro Alves; Jurandir Bezerra com Olavo Bilac; Max Martins com Machado de Assis; e Benedito Nunes com Rui Barbosa. Para Aldrin Figueiredo as escolhas não se

baseavam no conhecimento que cada um possuía de seu patrono, mas apenas em uma admiração recente e superficial (FIGUEIREDO, 2003, p. 265).

Mário Faustino, então muito jovem, participava ativamente das reuniões da *Academia* que ocorriam na casa de Benedito Nunes, onde os poetas declamavam seus poemas rimados os quais valorizavam o emprego da palavra rara, do vocabulário precioso e da frase rebuscada, além, certamente, da preocupação com a perfeição da forma. E qualquer outra forma de poesia era duramente criticada, e têm-se como exemplo as críticas feitas a Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, quando foram acusados de não fazer rimas simplesmente por que não sabiam rimar ou metrificar (Ibid, p. 264).

Dois anos depois, em 1945, os membros da *Academia dos Novos* conheceriam o modernismo e o sentimento de indiferença tornar-se-ia admiração. Certa vez, conversando com um aluno do professor Francisco Paulo Mendes, o parnasiano Max Martins ouviu falar acerca do modernismo, onde as rimas não eram mais necessárias, onde as palavras eram livres. E Max Marins foi o primeiro a deixar a *Academia*, sendo seguido pelos outros confrades, fato que resultou no fim das reuniões parnasianas na casa de Benedito Nunes (Ibid, p. 267).

Benedito Nunes, o outro foco do texto, passou a infância entre os livros e as brincadeiras de rua; a adolescência entre os livros e o curso secundário no Colégio Moderno; a juventude entre os livros e o curso de Direito; e a vida adulta entre os livros e as salas de aula. É professor desde a década de 50 e aposentou-se no cargo de titular, mas continua ensinando – agora, em conferências e através dos livros que escreve.

absorvida pela Universidade Federal do Pará. Estudou na Sorbonne, junto com Paul Ricoeur; e no Collège de France, com Merleau-Ponty. No final da década de 1960 lecionou em Rennes, na França (NUNES, 1995).

Benedito Nunes escrevia desde menino, iniciando com contribuições para jornais colegiais, depois resenhas e crítica de livros para jornais regionais, mais adiante resenhas e artigos para jornais nacionais. A militância da palavra impressa em jornais foi abandonada há pouco tempo e a enorme massa de escritos só pode ser encontrada nas bibliotecas, para quem quiser garimpá-las. Mais destacados, e mais fáceis de serem localizados, os livros, os capítulos de livros em obras coletivas e os artigos em publicações especializadas⁶.

O primeiro livro foi *O mundo de Clarice Lispector*, em 1966. Depois deste muitos outros foram escritos e ainda continuam sendo escritos com profundo conhecimento. Dentre eles destacam-se: *Leitura de Clarice Lispector* (1973) e *O drama da linguagem - uma leitura de Clarice Lispector* (1989); *Oswald Canibal* (1979);

João Cabral de Melo Neto (1967); *Introdução à Filosofia da Arte* (1989); *O tempo na narrativa* (1988); *A filosofia contemporânea* (1989); *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Martin Heidegger* (1986); *O dorso do tigre* (1970); *A obra poética e a crítica de Mário Faustino* (1966); *A Paixão segundo G.H.* (1989).

Benedito Nunes fascinou-se pela obra densa da ucraniana Clarice Lispector. Benedito ouviu falar de Clarice quando ainda era jovem. Isso foi nos idos dos anos de 1940 quando Clarice e seu marido se mudaram para Belém, onde permaneceram pelo período de seis meses. Isso foi por volta de 1944, período em que Belém passava pelos percalços da Segunda Grande Guerra Mundial. Clarice Lispector e seu marido ficaram hospedados no Central Hotel, onde ficava o Café Central, lugar de muita atmosfera literária. Entre os chás e as torradas Francisco P. Mendes apresentou o pensamento de Sartre a Clarice, pelo qual ficou encantada. Foi neste ambiente literário, anos depois, em 1948, que Benedito Nunes, junto a seus amigos Ruy Barata e Cléo Bernardo, começou a ouvir o “Dona Clarice”. Mas só teria a oportunidade de conhecê-la realmente no início dos anos de 1970 (NUNES, 2000).

É claro na memória de Nunes o momento em que começara a ler Clarice Lispector. Isso acontecera somente em 1960, através do livro *Laços de Família*. Mas foi em 1964, com *A Paixão Segundo G.H.*, que, segundo Nunes, os laços da sedução literária e filosófica a ela o amarraram (Idem). A partir desse início Nunes passou a escrever artigos sobre a obra de Clarice Lispector. Já em 1966 escrevera uma série de cinco artigos publicada no Suplemento Literário do Estado de São Paulo, artigos que comporiam *O Mundo Imaginário de Clarice Lispector*, abreviado depois para *O Mundo de Clarice Lispector*. Em 1973 escreveu *Leitura de Clarice Lispector*, que em 1995, após revisões e adendos, passou a se chamar *O Drama da Linguagem*.

O deslumbramento de Benedito Nunes pela obra de Clarice Lispector se deu principalmente pelos temas existencialistas: a angústia, o nada, o fracasso, a linguagem e a comunicação das consciências⁷. São temas que carregam o caráter individual e dramático da existência humana. Mas Nunes afirma que isto não significa que Clarice busque as situações dos seus personagens no existencialismo (NUNES, 1966, p. 15). Para Nunes, a obra de Clarice Lispector não possui filiação doutrinária e nem depende das correntes literárias filosóficas convencionalmente chamadas de existencialistas, mas tem a sua base no primado da existência, individual e universal. Embora tenha afinidades com a obra de Camus e Sartre, Nunes afirma que Lispector “muito se distancia deles, quer quanto à linguagem, quer quanto às intenções que lhe norteiam a atitude criadora” (Ibid, p. 44). O que a converge à obra desses poetas é a visão de mundo, fato que os remetem a uma unidade de pensamento. Aliás, a concepção de mundo de Clarice é que, segundo Nunes, dá a unidade comum que

engloba os personagens e por onde passa a linha de continuidade temática de sua obra (NUNES, 1995, p. 100).

Por certo Clarice também contribuiu na trajetória intelectual do filósofo paraense, mas a sua história literária começou muito cedo, com treze anos, quando participou da fundação da *Academia dos Novos* (1942) e depois, em 1946, depois da criação do Suplemento Literário *Arte-Literatura*. Quanto à sua trajetória de poeta Francisco P. Mendes tratou de interrompê-la, mas seus artigos de crítica literária já traziam a perspicácia que lhe é peculiar.

O existencialismo foi uma influência valorosa na formação poética de Benedito Nunes e Mário Faustino. O contado com essa literatura após o triste fim da *Academia dos Novos* é o ponto crucial no entendimento dessa nova feição da literatura paraense, literatura que fugiu do isolamento provinciano apontado por Benedito Nunes como um dos aspectos responsáveis pelo retardamento literário dos jovens parnasianos, ressaltando, no entanto, que isso justifica, porém não explica o atraso de mais de 20 anos que o modernismo demorou a chegar. O Suplemento Literário criado por Haroldo Maranhão foi o responsável direto por quebrar o isolamento propiciado pela II Guerra Mundial e pela censura da Ditadura de Magalhães Barata. Em alguns momentos os escritores eram obrigados a escrever sob os olhares dos agentes do regime repressor, quando as revistas, relata Ruy Barata, tiveram que parar a sua circulação por causa do descaso, da falta de liberdade e garantias e, sobretudo, “para não se submeterem aos elogios e propagandas encomendadas, seguindo-se um período de esterilidade no terreno editorial” (BARATA, 1947, p. 3). O que era incentivado pelo Estado era uma sonetaria inexpressiva que somente satisfazia os fazedores da arte pela arte.

Com a criação do suplemento *Arte-Literatura* os jovens puderam escolher seus rumos literários por meio de um esforço de atualização buscado pelo suplemento e, além disso, direcionaram a convivência intelectual, regida por Francisco Paulo Mendes, o que criou um espírito comum na forma de sentir e pensar o mundo e a literatura. A partir de tal momento, restava do isolamento a vantagem da distancia geográfica, que proporcionava um senso de cautela frente aos modismos metropolitanos da década de 1940. Nunes afirma que a turbulência dos grupos de maior prestígio da chamada geração de 45 não atingiu os *novos* do suplemento paraense. Entretanto, reafirma Nunes, “participávamos, embora num ritmo mais largo e menos exclusivista, em razão de nosso distanciamento e das circunstâncias de nossa formação intelectual, do mesmo quadro geracional” (NUNES, 1992, p. 19). A contribuição da geração de 45 para os jovens paraenses foi a atitude racional do poeta como artista da palavra e ciente da forma do poema, formalismo que os novos do suplemento não adotaram completamente, pois combinaram o trabalho de arte com a inspiração. Para Haroldo

Maranhão, “foram grandes os benefícios do modernismo, pelo clima de saúde que nos permitiu respirar; foram também essenciais os seus defeitos” (MARANHÃO, 1946, p. 4).

Mário Faustino, em sua formação literária no suplemento literário da *Folha do Norte*, enveredou-se para uma poesia de forte apelo simbolista e existencialista, influenciada pelos temas da poesia de Rainer Maria Rilke. Para o mestre e guia dos *novos*, Francisco Paulo Mendes, “o drama da beleza encontrou na alma de Mário Faustino uma ressonância sem limites e fez brotar uma poesia de incomparável poder evocativo e expressional. É o poeta da rosa. O poeta que canta a passagem efêmera e eterna dessa rosa mística que é a Beleza” (MENDES, op. cit. 1948, p. 2). O existencialismo que Faustino buscou para suas poesias e que foi essencialmente relevante em sua trajetória poética foi absorvido em sua grande parte na obra de Rilke, que teve grande presença no suplemento paraense. Por intermédio das traduções feitas por Paulo Plínio Abreu, Francisco Paulo Mendes e do próprio Mário Faustino foi construída a base para uma formação eminentemente introspectiva do seu aspecto poético. Dentre as traduções pode-se destacar a do poema *A grande noite*, feita por Faustino, no qual a característica marcante é a solidão do poeta perante a noite que brincava com ele: “Muitas vezes, surpreendido, de pé à minha nova/ janela, eu te admirava. A cidade desconhecida/ era-me ainda como proibida, e a paisagem/ surda às palavras, pouco a pouco escurecia/ como se eu não estivesse lá. As coisas perto/ não procuravam ser compreendidas. O candeeiro/ levantava uma ponta de rua. Ela era estrangeira.”; a tradução de *Cartas a um jovem poeta*, por Alceu Amoroso Lima; tradução, direto do alemão para o português, do Poema III, de o *livro das horas*, por Paulo Plínio Abreu; tradução, por Manuel Bandeira, do poema *Torso arcaico de Apolo*; tradução do poema *Nascimento de Vênus*, por Paulo Quintela. Várias foram as traduções e elas não se reservaram a poemas, houve também traduções de textos de crítica literária que tratavam sobre a poesia existencialista de Rilke, tal como *Rilke e a poesia lírica* (1947), de Euryalo Cannabrava.

A poesia de Faustino tematiza os grandes contrastes espirituais, éticos e religiosos da existência, os quais atingem, através de imagens opostas e recorrentes, o plano mítico e o plano cultural histórico. Palavras como flor, anjo, besta, sangue, sol, solo, rosa, lua, ilha, mar, corpo e cadáver, são constantemente usadas juntamente com imagens contrastantes como solares e noturnas, marítimas, telúricas; de fecundidade e esterilidade, de mudança e permanência, perecimento e ressurreição, vida e morte, temporalidade e eternidade (NUNES, 1986, p. 22). São temas comuns das tendências da literatura da época, que era marcada pela valorização do rigor formal das palavras, pelo vocabulário inusitado, pelo caráter onírico e simbólico das

imagens e pelos segredos da existência.

Benedito Nunes se enquadra em outro tipo de existencialismo, mais engajado e fortemente influenciado principalmente pela obra de Sartre. Publicou suas poesias do começo ao fim do suplemento *Arte-Literatura*, no entanto, sua habilidade maior estava nos artigos de crítica literária e filosófica, apesar de estes terem sido poucos. Os principais artigos de crítica são *Ação e Poesia I* e II, publicados respectivamente no suplemento número 28 e 29, ambos em junho de 1947; *A morte de Ivan Ilitch*, publicado no suplemento número 144, de janeiro de 1950; e *Considerações sobre A Peste*, publicado no suplemento número 165, de janeiro de 1951.

Em *Ação e Poesia I* Benedito Nunes discute a questão da ação do indivíduo perante os problemas da sociedade moderna, e critica os países industrialistas tais como os Estados Unidos, que exploram a ação do homem em favor do capitalismo e relegando-o a uma vida sem reflexão, de exercício intelectual. Nunes faz uma comparação entre um cidadão norte americano e um chinês, onde este último considerou ruim a vida dos americanos, pois não paravam nem para comer, pelo contrário, ficavam de pé para comer mais rápido e retornar ao trabalho. O autor busca mostrar nesse artigo a oposição existente entre os valores rígidos da sociedade ocidental e o estado poético do indivíduo, e procura denotar que o homem possui a capacidade mudar uma realidade através de suas ideias assimiladas a partir da experiência vivida no mundo (NUNES, 1947, p. 3).

Em *Ação e Poesia II*, o jovem poeta trata de questões referentes ao positivismo, à metafísica e à essência da realidade. E para isso o indivíduo teria que, segundo Nunes, adquirir o conhecimento absoluto ou verdade absoluta, o que supõe um princípio único “debaixo do qual se coordenem os fatos universais”. Essa verdade teria que ser um fenômeno impar, Deus, que explicaria o princípio e o fim do homem, isso por que a metafísica não possuía outro grande princípio a não ser Deus. “Seja o primeiro motor de Aristóteles, o ser necessário dos escolásticos – o conceito divino até agora fundamentou a metafísica”, somente libertando-se da teologia pela Crítica da Razão Pura (NUNES, 1947, p. 2). Para Benedito Nunes a verdade absoluta ou essência da realidade pode ser explicada como ilusão do espírito humano, pois seria incompatível com o fato “de estarmos vivos. Não nos compete espiar através do particular a ideia divina”. O crítico afirma ainda que o positivismo negou a transcendência da metafísica, declarando-a inútil e incompatível com a verdadeira finalidade do espírito humano, a de generalizar os fatos e colaborar na investigação científica (Ibidem).

Em *Considerações sobre A Peste*, Benedito Nunes faz uma análise do romance *A Peste* de Albert Camus, escrito em 1947. Camus é, com Sartre, o escritor

mais representativo do existencialismo francês. A sua reflexão inicial sobre o absurdo e o suicídio, a solidão e a morte, dirige-se gradualmente para a esperança e a solidariedade humanas como possíveis soluções do drama do absurdo. Esta trajetória serve de apoio a um aproveitamento interessado do seu pensamento e da sua figura pelos círculos católicos conscientes da pobreza intelectual dos seus autores. Por outro lado, a límpida perfeição estilística da sua escrita e a sobriedade da sua inspiração novelesca contribui, em grande medida, para a eficácia da sua expressão literária. O seu romance *A Peste* é uma alegoria à ocupação da França pelos Nacional-Socialistas em que os comportamentos humanos em situações extremas são cuidadosamente analisados (NUNES, 1951, p. 2).

Benedito Nunes torna evidente que o romance de Camus mostra os dramas do homem em busca do sentido de sua existência frente a uma sociedade conturbada e perplexa com os acontecimentos da II guerra. Para Nunes, Camus alcançou o seu objetivo de transmitir artisticamente o que pensava sobre as coisas. E comenta:

O que primeiramente ele constata é que o homem está subjugado por um poder estranho, incompatível com a segurança e a felicidade com que se desenvolve a vida no plano quotidiano. Esse poder está inconscientemente presente sem que nós percebamos. Para a visão de mundo que o escritor necessita exprimir é necessário que o homem fique face a face com as situações extremas da experiência (Ibid, p. 4).

Na ótica de Benedito Nunes o romance revela que o homem só consegue perceber a sua existência se ele enfrentar as adversidades promovidas pelo poder estranho sob o qual está subjugado, buscando, dessa forma, o sentido da liberdade da existência humana e uma "solução para os seus destinos". No romance Camus coloca dois caminhos para encontrar a liberdade: o da fé que seria tudo, e o da vida sem esperança, o nada. O autor escolhe a solução da fé, que consistiria na moral de desespero que gera uma atitude heroica, a qual é mantida pelos personagens. O romance, para Nunes, "é um símbolo, na medida em que traduz uma visão da vida, submetida aos imperativos e às exigências de uma outra realidade, que transcende à habitual e que não podemos compreender" (Ibidem).

O romance de Camus teve grande importância na formação e no interesse de Benedito Nunes sobre a filosofia existencialista engajada, pois foi escrito em 1947, portanto, era contemporâneo, assim como os escritos de Sartre. O diálogo com essa literatura trouxe aos jovens da *Turma do Central* um novo pensamento a respeito dos problemas e novos caminhos para pensar a realidade da sociedade e da literatura.

Mário Faustino e Benedito Nunes cultivaram existencialismos diferentes em sua escrita no suplemento *Arte-Literatura*. O fato a se olhar nisso é que ambos,

assim como o grupo ao qual fazem parte, iniciaram uma nova fase da literatura paraense, proporcionada pela trajetória de vida desses jovens, uma vida que sofreu as intempéries de um passado recente e que não devia ter volta. Os crimes da ditadura implantada pelo presidente Getúlio Vargas e pelos seus representantes nos Estados; o desrespeito à existência humana, vivido pela sociedade durante a Segunda Guerra Mundial e a redemocratização do país foram os fatos históricos mais relevantes para essa tomada de atitude em direção a uma nova visão de mundo. Por causa da guerra Sartre tornou popular uma filosofia entendida somente pelos filósofos e, pois, ganhou novos espaços e impulsionou a leitura do existencialismo em todas as suas nuances, tal como o existencialismo introspectivo de Rilke.

Os intelectuais buscaram uma arte que deixasse de lado o nacionalismo tão forçosamente cultivado pela geração de 30; os regionalismos e a valorização da cultura dos anos 20. A poesia tornou-se mais psicológica, eivada de símbolos e imagens obscuras, de lugares recônditos e uma existência a decifrar. Apesar de buscar nos ícones do modernismo brasileiro a inspiração para a escrita de uma poética modernista, essa geração paraense não continuou o empreendimento das gerações dos anos 20 e 30. O que houve foi o movimento dialético da história, um movimento de ruptura e de conservação entre as gerações, onde os exageros ficaram para trás e a ingenuidade política também.

Um desencanto em relação ao seu passado recente certamente fez com que esses jovens tivessem uma atitude perante a vida, pois não queriam permitir que a história se repetisse e trouxesse mais sofrimento à sociedade e mais amarras à arte. Adentrando no campo político Max Martins resume o sentimento de sua geração:

Iludida com a mentira política de 1930, atônita diante do morticínio de 39-45 e do babelismo que dele adveio, desconfiada com as conferências de paz, a nova geração, antes de tudo, não crê em ninguém, senão em si mesma. Cansados das velhas lições moralistas, revoltados com o cinismo demagógico dos politiquinhos anacrônicos, esses jovens poetas-deputados, escritores-congressistas, artistas-líderes populares, traçaram suas próprias diretrizes (MARTINS, 1947, p. 4).

Consideravam-se os *novos* e não almejavam convergências com outras gerações, apesar de terem convivido bem com poetas da geração passada. Isso fica claro nas palavras de Cléo Bernardo quando afirma que a nova geração do Pará era uma geração liberta, e como tal não teve orientadores. Para o poeta essa geração “desajudada realizou o seu ideal, combatida traçou as suas diretrizes; errando aqui, indecisa ali, acertando acolá, mas sempre guiando solitária o seu destino e inteligência, a sua esperança e inquietação” (BERNARDO, 1947, p. 4). Buscaram a todo custo

uma autonomia intelectual para não depender das heranças vindas de um tempo obscuro da história. O existencialismo tanto de Rilke quanto o de Sartre suscitaram essa atitude geracional perante a poesia e perante a realidade. O fim da guerra abriu o espaço e o existencialismo entrou com as novas ideias de liberdade e da existência do homem. A redemocratização entrou em cena e a *Turma do Central*, com o seu suplemento, iniciou uma das mais importantes fases da história da literatura paraense. Entre 1946 e 1951 o suplemento *Arte-Literatura* foi o suporte de uma nova escrita, uma escrita que negava as heranças “malditas” e valorizava aquilo que contribuía para o entendimento, não da nação, mas do ser.

Desencanto ou apostasia? Desencanto, somente desencanto. A arte não foi prejudicada e o impulso criativo continuou, pois a apostasia é caracterizada, segundo Thompson, pelo fracasso moral e imaginativo, quando o poeta faria uma mutilação do próprio ser existencial anterior do escritor. Na poesia de Faustino, de Benedito Nunes e dos outros jovens da *Turma do Central* houve, pelo contrário, uma frutuosa realização das letras.

NOTAS

- ¹ Mestre em História Social da Amazônia (UFPA). Professor do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). E-mail: dawdsonscangussu@hotmail.com
- ² Poeta inglês amigo de Coleridge. Nasceu em Birmingham em 1775 e teve estudos particulares no sentido de trabalhar com o seu pai, um rico banqueiro. Sua atividade literária floresceu com a publicação de *Nugae Canorae* (1819), *Desultory Thoughts in London*, *Titus and Gisippus*, e *Other Poems* (1821), e *Poetical Essays on the Character of Pope* (1822). Morreu próximo à cidade de Versailles, no ano de 1839.
- ³ Nascido em Dunmow, em 1753, Sir George era um patrono da arte britânica e apaixonado colecionador de obras de arte. Morreu em 1827. Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Sir_George_Beaumont,_7th_Baronet>
- ⁴ Nascido em 1815, em Mount Vernon-Ohio, de descendência irlandesa, Emmett foi um grande compositor de black music. Também atuou como ator de teatro, quando pintava a face e as mãos para caricaturar um homem branco. Faleceu em 1878.
- ⁵ Cf., CHAVES, Albeniza de Carvalho. *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: UFPA, 1986.
- ⁶ Os que colaboram na Folha. Nota biográfica de Benedito Nunes. *Folha do Norte*. Belém, 11 de agosto de 1946. Suplemento *Arte-Literatura*, n. 9, p. 4.
- ⁷ Cf., FITZ, Earl E. A discourse of silence: the postmodernism of Clarice Lispector. *Contemporary Literature*, v, 28, n. 4. 1987. p. 420-436. Ver também: HELENA, Lucia. A problematização da narrativa em Clarice Lispector. *Hispania*, v. 75, n. 5, 1992. p. 1164-1173.

REFERÊNCIAS

BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. A Geração remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Barata. *Folha do Norte*. Belém, 20 de julho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 33, p. 3.

BERNARDO, Cléo. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 05 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 45, p. 4. Entrevista.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. *Mário Faustino: o Homem e sua hora e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMPOS, Geir; JORGE, Fernando. *Rilke: Poemas e Cartas a um jovem poeta*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. (Sabedoria e Pensamento).

CHAVES, Lilia Silvestre. *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: Secult, 2004.

EULÁLIO, Carlos Evandro Martins (org.). *Mário Faustino*. Teresina: Corisco e Academia Piauiense de Letras, 2000.

FAUSTINO, Mário. 1º motivo da rosa e 2º motivo da rosa. *Folha do Norte*. Belém, 25 de abril de 1948. Suplemento Arte-Literatura, n. 76, p. 2.

FIGUEIREDO, Aldrin M. Querelas esquecidas: o Modernismo brasileiro visto das margens. In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio dos Santos. *Os Senhores dos Rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 259-283.

MARANHÃO, Haroldo. Apontamentos literários. *Folha do Norte*. Belém, 20 de outubro de 1946. Suplemento Arte-Literatura, n. 14, p. 4.

MARTINS, Max. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 07 de dezembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 55, p. 4. Entrevista.

MENDES, Francisco Paulo. O Poeta e a Rosa. *Folha do Norte*. Belém, 25 de abril de 1948. Suplemento Arte-Literatura, n. 76, p. 1.

NUNES, Benedito. *A obra e a crítica de Mário Faustino*. Belém: Cejup, 1986.

_____. Ação e poesia I. *Folha do Norte*. Belém, 01 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 28, p. 3.

_____. Ação e poesia II. *Folha do Norte*. Belém, 08 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 29, p. 2.

_____. Considerações sobre A Peste. *Folha do Norte*. Belém, 14 de janeiro 1951. Suplemento Arte-Literatura, n. 165, p. 2.

_____. *Dois ensaios e duas lembranças*. Belém: Secult/Unama, 2000.

_____. Max Martins, Mestre-Aprendiz. In: MARTINS, Max. *Não para consolar*. Belém: Cejup, 1992.

_____. *Melhores poemas de Mário Faustino*. São Paulo: Global, 2002;.

_____. *O drama da linguagem*. uma leitura de Clarisse Lispector. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *O Mundo de Clarice Lispector*. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 1966.

THOMPSON, E. P. Desencanto ou apostasia? In: *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.